

A EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX (*) (**)

THE BRAZILIAN MEDICAL EDUCATION AT THE BEGINNING OF THE 19th CENTURY

L'ÉDUCATION MÉDICALE BRÉSILIENNE DANS LE DÉBUT DU XIX^e SIÈCLE

Antonio Carlos Nogueira Britto

Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, Salvador, Bahia, Brasil

São tracejadas informações em derredor da incipiente instrução pública no Brasil Colonial, deficiente, agravada pela expulsão dos padres jesuítas ordenada por Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, Primeiro Marquês de Pombal, em 3 de setembro de 1759 e pelo cerceamento de atividade de imprensa e publicação de livros e de jornais, com o objetivo de causar estorvo ao crescimento cultural e dominar as aspirações separatistas da rica Colônia lusa. Ante a escassez e necessidade de físicos e cirurgiões competentes, profissionais proficientes e habilitados na arte da Medicina lecionaram aulas e cursos de cirurgia, noções de anatomia descritiva, de terapêutica e de arte obstétrica em algumas sedes de capitânias. Dentre elas, é enfatizada a criação por Carta-Régia de 17 de julho de 1801, em Vila Rica, Minas Gerais, da Cadeira de "Cirurgia, Anatomia e Arte Obstétrica" no Hospital Real de Villa Rica, sendo nomeado para as precisas lições o "Cirurgião-Mór do Regimento de Cavallaria de Minas Geraes, Antonio Jozé Vieira de Oliveira". Com a chegada à Bahia do Príncipe D. João, desembarcando em 23 de janeiro de 1808, por instâncias do Conselheiro Jozé Correa Picanço, Cirurgião-Mor do Reino, o Príncipe Regente D. João, foi criada a Escola de Anatomia e de Cirurgia nessa cidade em 18 de fevereiro de 1808, estabelecida no Hospital Real Militar da sobredita cidade, sendo nomeados os dois primeiros professores em 23 de fevereiro do mesmo ano: Manoel Jozé Estrella, para ensinar Cirurgia prática e especulativa, e Jozé Soares de Castro, para lecionar Anatomia e Operações Cirúrgicas, os quais receberam do Cirurgião-Mor do Reino as necessárias Instruções em 23 de fevereiro do dito ano. Portanto, é a Escola de Cirurgia da Bahia a primaz Instituição de ensino médico no Brasil na condição de ensino organizado e institucional, no azo da estada no solo da Bahia do Príncipe Regente e do Cirurgião-Mor dos Exércitos do Reino, com dois professores nomeados e portadores das precisas Instruções. O A. exhibe a descrição da primeira sala de aula da Escola de Cirurgia da cidade da Bahia, pesquisa inédita de sua autoria em manuscritos originais. É apresentado relato concernente a segunda escola de ensino médico fundada no Brasil: a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, criada pelo Príncipe Regente D. João em 2 de abril de 1808, quando foi estabelecida, na dita data, a Cadeira de Anatomia no Hospital Militar da Corte sendo nomeado Joaquim da Rocha Mazarém para lecionar Anatomia no Hospital Real Militar. São feitas considerações em torno das Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, em 1º de abril de 1813 e 29 de dezembro de 1815, respectivamente, as quais substituíram as duas anteriores escolas de ensino médico-cirúrgico de 1808. Da mesma forma, foram analisadas a criação e funcionamento das Faculdades de Medicina, de Farmácia e de Partos do Rio de Janeiro e da Bahia, instituídas pela lei de 3 de outubro de 1832. São estudadas as Reformas do Ensino Médico e as mulheres pioneiras diplomadas em Faculdades de Medicina do Brasil são consideradas.

Palavras-chave: Educação médica brasileira, início século XIX.

Hatched reports are issued on early and lacking colonial Brazilian public education which was worsened by the banishment from Brazil of the members of the Society of Jesus on September 3, 1759, by order of Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, 1st Marquess of Pombal. In order to keep under control the longing of separatism by the wealth Lusitanian territory and to hinder its cultural improvement, the press was restricted as well as the issue of

newspapers and books. Due to the needfulness of skilled physicians and surgeons, suitable professionals in the art of Medicine taught courses and classes of Anatomy, general ideas of Surgery, Therapeutic and Parturition which were given in some seats or heads of the "capitanias". Amongst them it is worth to make reference to the coordinate discipline of "Surgery, Anatomy and Art Obstetrics" created by Royal Letter signed by the Prince D. João on July 17, 1801. The courses were held at Villa Rica, Minas Gerais at the Royal Military Hospital and they were taught by the Head Surgeon Antonio Jozé Vieira de Oliveira serving at Minas Gerais Cavalry Regiment. The Prince D. João, on his way from Lisbon to the city of Bahia, set on shore on January 23, 1808. Then he was advised by his consellor Jozé Correa Picanço, Head Surgeon of the Army of the hingdon, to found the first school - the School of Surgery of Bahia - the School of Anatomy and Surgery by Royal Letter signed on February 18, 1808. The School of Surgery was held at the Royal Militar Hospital. On February 23, 1808, the consellor of the kingdom gave the essential process of medical study and chose the two first professors: Manoel Jozé Estrella, for speculative and practical Surgery, and Jozé Soares de Castro, for Anatomy and Surgical Operations. Thus, the School of Surgery of the city of Bahia is the former established institute and organized school of medicine in the presence of the Prince D. João and his consellor of the kingdon. The Author describes the result of his own search and first-mentioned as well as inedited historic manuscript on the first official classroom where a class is taught in the first school of Surgery in Brazil. It is displayed report on the second medical school founded in Brazil: the Anatomical, Surgical and Medical School of Rio de Janeiro that was founded by the Prince D. João on April 2, 1808. Joaquim da Rocha Mazarém was chosen to teach Anatomy on the Royal Military Hospital. Considerations are made regarding to the Medical-Surgical Academy of Rio de Janeiro founded on April 1, 1813 as well as the Medical-Surgical Academy of Bahia established on December 29, 1815. Both of them acted and served in place of the former school of Bahia and Rio de Janeiro. On October 3, 1832, a decree established the Faculties of Medicine of Rio de Janeiro and Bahia. Thus the former Academies became the Medical Faculties and the decree above mentioned established the courses on Medicine, Pharmacy and Parturition. The Reforms for the medical teaching are appreciated and the foremost women graduated upon Medicine in Brazil are reported.

Key-words: *The Brazilian medical education, begining of the XIXth century.*

* Conferência apresentada no 16º Congresso Brasileiro de História da Medicina, promovido pela Sociedade Brasileira de História da Medicina, realizado em Ouro Preto - MG, no período de 10 a 15 de novembro de 2011.

** *Este trabalho deverá ser colocado à submissão da Gazeta Médica da Bahia, fundada em 1866. Da mesma maneira, atendendo solicitação do Prof. Jairo Furtado Toledo, presidente da SBHM, a ele foi encaminhado estes originais para ser publicado no Jornal Brasileiro de História da Medicina. Outrossim, será encaminhado para divulgação no link História da Medicina, sob responsabilidade do autor, albergado no site da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, disponível em www.medicina.ufba.br*

Endereço para correspondência: *Prof. Antonio Carlos Nogueira Britto, Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia e Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins. Largo do Terreiro de Jesus. 40025-010. Salvador, Bahia, Brasil.
C-elo: nogueirabritto@yahoo.com.br*

A INCIPIENTE EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA NO DEALBAR DA XIX CENTÚRIA

OS PRIMEIROS PROFESSORES DA "ARS MEDICINA"

A instrução pública no Brasil Colônia era deficiente e quase nula e tornou-se mais precária com a clausura violenta do Colégio dos Jesuítas ou Real Colégio das Artes, culminando com a expulsão do Brasil e exílio dos padres inacianos e de professores da Companhia de Jesus, por ato de SEBASTIÃO JOZÉ DE CARVALHO E MELLO, Primeiro Marquês de Pombal, 1, em 3 de setembro de 1759. Os mestres loiolistas ensinavam gratuitamente na Bahia e no Rio de Janeiro, a ler e escrever. Lecionavam o Curso de Humanidades, Gramática, Retórica, línguas clássicas (Latim, Grego e Hebreu, História e Geografia); a Ciência dos números: a Escola de Algarismos ou de Aritmética: o Curso de Artes ou de Filosofia; as Ciências Sacras: Teologia Moral, Teologia Especulativa ou Dogmática, Sagrada Escritura e Direito. Aos alunos que concluíssem o curso, eram conferidos diploma de Mestre em Artes (*magister in artibus*).

Até o final do século XVIII, Portugal se empenhava em dificultar o crescimento cultural do Brasil colonial, como meio de subjugar os anseios libertários que estimularam a Inconfidência Mineira, lançada por terra em 1789 e a Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates, reprimida em 1799.

A metrópole impedia a entrada no Brasil de livros franceses. No Rio de Janeiro funcionavam apenas livrarias de obras teológicas e existia um só vendedor de livros de medicina portugueses.

A imprensa pioneira no Brasil somente foi levada a efeito por determinação do príncipe D. JOÃO, quando fundou a Impressão Régia, em 13 de maio de 1808, hoje Imprensa Nacional.

Em 1º de junho, foi levado a lume, impresso em Londres, o primeiro jornal mensário denominado Correio Braziliense ou Armazém Literário (1808-1822), circulando no Brasil em outubro daquele dito ano, sob a direção de HIPÓLITO JOZÉ DA COSTA PEREIRA FURTADO DE MENDONÇA.

Em 10 de setembro de 1808, circulou o primeiro jornal brasileiro, a Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821), dirigido por frei JOZÉ TIBÚRCIO DA ROCHA.

Já nas demais colônias européias na América do Sul, a imprensa já estava presente desde o século XVI.

Antes do ensino institucional, regular, organizado como escola de ensino de cirurgia e das artes médicas, instituída pelo príncipe regente D. JOÃO, em 18 de fevereiro de 1808, ao chegar à capitania da Bahia em 22 de janeiro daquele ano, existia em algumas capitanias aulas ministradas por profissionais proficientes e habilitados, com o escopo de melhorar a qualidade profissional e cultural dos físicos e cirurgiões daqueles tempos e atenuar a escassez e necessidade de profissionais proficientes no vasto território do Brasil desde os tempos coloniais.

Para minorar tais lacunas, um édito real de 1.º de maio de 1800 mandava que a Municipalidade do Rio de Janeiro designasse quatro moços para estudarem em Portugal, sendo que dois deles fossem destinados às matemáticas e um deveria estudar medicina em Coimbra e outro no Hospital Real de São José, de Lisboa. Um deles receberia a carta de físico e o outro de cirurgião.

Tal deliberação resultou da reclamação feita em 1789 pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, verberando que havia no Rio de Janeiro apenas quatro médicos que não podiam socorrer o povo.

Ademais, com a ocupação de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte, comandadas pelo general JEAN-ANDOCHE JUNOT, 1º duque de Abrantes, a metrópole encontrava-se impedida de mandar para o Brasil cirurgiões examinados e aprovados pela Junta do Protomedicato e físicos aprovados pela Faculdade de Medicina de Coimbra, porquanto Coimbra seria a única escola a diplomar em medicina nos territórios dos extensos Reinos e Domínios de Portugal.

Assim, desde o final do século XVIII, em 1790, JOÃO ÁLVARES CARNEIRO, um dos mais celebrados cirurgiões no Brasil de antanho, aos quatorze anos de idade, aprendeu e praticou durante cinco anos com ANTONIO JOSÉ PINTO, na Santa Casa do Rio de Janeiro cirurgia e noções de anatomia descritiva e de doenças cirúrgicas e de terapêutica. A egrégia Academia Nacional de Medicina guarda precioso diploma de cirurgião-aprovado conferido a JOÃO ÁLVARES CABRAL pelo Hospital de São José, quando lá estudou por mais um ano e lhe foi outorgado o sobredito documento.

Na cidade da Bahia, em 1799, o cirurgião-mor JOSÉ XAVIER DE OLIVEIRA DANTAS dava um curso de anatomia e cirurgia, fato comprovado pela ofício do governador D. FERNANDO JOZÉ DE PORTUGAL E CASTRO, de 25 de fevereiro de 1799, endereçado à Metrópole, dando conta da existência do dito curso, quando lhe era rogado as prerrogativas de "Aula Régia", as quais não foram deferidas.

Em Minas Gerais, Carta-Régia datada de 17 de junho de 1801, criou em VILA RICA, uma CADEIRA DE "CIRURGIA, ANATOMIA E ARTE OBSTETRICIA", estabelecida no "HOSPITAL REAL DE VILLA RICA", nomeando para a dita disciplina o "ACTUAL CIRURGIÃO-MÓR DO REGIMENTO DE CAVALLARIA DE MINAS GERAES, ANTONIO JOZÉ VIEIRA DE CARVALHO", consoante se lê no texto em reprodução facsimilar: "Bernardo Jozé de Lourenço, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Geraes. Amigo. Eu o Príncipe Regente vos Envio muito saudar. Attendendo à grande falta que ha de Cirurgoens habeis, e intelligentes nessa Capitania, por nella não haver Aulas publicas, em que se expliquem as doutrinas respectivas a esta Faculdade; e conformando-Me com o vosso parecer, e do vosso Antecessor, constantes dos Officios, que subirão à Minha Real Presenza com datas de vinte e quatro de Maio, e sete de Outubro de mil setecentos noventa e sete: Sou servido estabelecer no Hospital Real de Villa Rica huma Cadeira de Cirurgia, Anatomia e Arte Obstetricia, nomeando para ella o actual Cirurgião-Mór do Regimento de Cavallaria de Minas Geraes, Antonio Jozé Vieira de Carvalho, por nlle concorrerem as circunstancias, e requisitos necessarios, para bem reger a dia Cadeira, ao qual estabelecereis o competente Ordenado, que deve ser pago pela Junta da Fazenda dessa Capitania Escripta no Palacio de Queluz aos dezasete de Junho de mil oito centos e hum. Príncipe".

A sobredita Cadeira foi exercida pelo sucessor de Vieira de Carvalho, o cirurgião-mor ANTONIO JOZÉ VIEIRA DE MENEZES, até a sua morte em 1848, quando cessaram as atividades docentes das artes médicas em Vila Rica.

As atividades de ensino médico em Vila Rica são divulgadas no prestigioso jornal "O Universal", fundado naquela cidade em 1825 por BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS (1795-1850), ilustrado jornalista, advogado, político e jurista, nascido em Villa Rica.

"Erario Mineral", *magnum opus*, é considerado o primeiro manual de clínica no Brasil, saído do prelo em 1735, muito embora seu autor tenha sido um celebrado cirurgião-aprovado luso, LUIS GOMES FERREYRA, porquanto a histórica e rara publicação foi fundamentada nas suas lides médico-cirúrgicas em Villa Rica e Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. Esclarece o notável criador da sobredita obra científica: "*das enfermidades das Minas do Ouro*" / ... "*dividido em doze tratados*". E acrescenta: "*Cirurgião aprovado, natural da Villa de São Pedro de Rates e assistente nas Minas do ouro por discurso de vinte annos*", levado a lume em "*MDCCXXXV, com todas as licenças necessarias*" / impresso na "*Officina de MIGUEL RODRIGUES/ Impressor do Senhor Patriarca / LISBOA OCCIDENTAL*".

É de bom alvitre lembrar a obra de WILLEM PISO (PIES), físico do conde JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU-SIEGEN (JOHAN MAURITS VAN NASSAU-SIEGEN), autor de "*De Medicina Brasiliensi*", primeira parte da "*Historia Naturalis Brasiliae, Amesterdã, 1648*", escrita com GEORG MARGRAFF, fruto de suas investigações médicas no Recife e no território do Brasil-holandês, julgado como o primeiro tratado brasileiro de patologia e terapêutica graças ao estudo das doenças endêmicas, como a lues, maculo, disenterias "*ar de estupor*", opilação (*oppilatio*), febres, "bicho do pé", dentre outros morbos, além de medicamentos da Medicina ameríndia.

No Hospital Militar de São Paulo, construído por subscrição pública no governo do capitão-general ANTONIO MANOEL DE MELLO CASTRO E MENDONÇA, foi criada, em 1803, uma "Aula de Cirurgia" no sobredito nodocômio ministradas pelo físico-mór MARIANO JOSÉ DO AMARAL, natural da Bahia, sendo os exames feitos em uma sala do Palácio. O capitão-general governador ANTONIO JOZÉ DA FRANCA E HORTA, substituo do governador CASTRO E MENDONÇA, oficiou ao visconde de ANADIA, Ministro de Estado dos Negócios Ultramarinos, dando conta das atividades da "aula de Cirurgia", por ele instituída no Hospital Militar. O referido curso começou com 6 alunos inscritos, aprovados em exames que versaram sobre angiologia e fisiologia. A "aula de Cirurgia" de São Paulo deixou de existir em 1806, após desentendimento do governador FRANCA E HORTA com o físico-mor, culminando em processo e prisão por três meses do professor MARIANO, que chegou a ser lente da Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, em 1821, regendo a disciplina de Medicina Prática.

ESCOLA DE CIRURGIA DA CIDADE DA BAHIA

Com o objetivo de atingir a economia da Inglaterra, foi efetivado, em 1806, o bloqueio continental da Europa pela força das legiões vitoriosas e dos canhões invencíveis de NAPOLEÃO BONAPARTE, o Corso senhor da Guerra Peninsular (1807-1814).

O general JEAN-ANDOCHE JUNOT, chegava às margens do rio Tejo e quedava-se a observar, perdendo-se no horizonte, as nêveas velas da grande esquadra que transportava a 29 de novembro de 1807, o Príncipe Regente D. JOÃO, com sua família, a bordo da nau *Príncipe Real*, em derrota ao Brasil, a rica colônia portuguesa, aportando os navios na cidade da Bahia em uma sexta-feira, 22 de janeiro de 1808, desembarcando D. JOÃO na Bahia na manhã do dia seguinte, 23.

Acompanhava o Príncipe Regente, o ilustre médico pernambucano, JOZÉ CORREA PIKANÇO, nascido a 10 de novembro de 1745, na vila de Goiana, na capitania de Pernambuco.

Conselheiro e Cirurgião-Mor dos Exércitos do Reino, ao depois agraciado com o título nobiliárquico de barão de Goiana, em 1820, JOZÉ CORREA PIKANÇO instou D. JOÃO, durante sua curta estada na cidade da Bahia, a criar uma "Escola de Cirurgia" no Hospital Real Militar, no denominado largo do Terreiro de Jesus, instalado no Colégio que pertencera aos tangidos jesuítas

Destarte, D. JOÃO DE SALDANHA DA GAMA MELLO TORRES GUEDES DE BRITTO, sexto conde da Ponte e capitão-general da capitania da Bahia, foi autorizado pelo ministro do Reino, D. FERNANDO JOZÉ DE PORTUGAL E CASTRO, segundo marquês de Aguiar, a levar a efeito a imediata inauguração da "Escola de Cirurgia" no edifício do Hospital Real Militar daquela capitania.

A régia determinação está exarada no seguinte teor:

"Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S^{or}

O Principe Regente Nosso Senhor, anuindo á Proposta que lhe fez o Doutor Jozé Correa Picanço, Cirurgião Mor do Reino e do seu Conselho, sobre a necessidade, que havia, de h'ua Escola de Cirurgia no Hospital desta Cidade, para a instrucção dos que se destinão ao exercicio desta Arte, tem comettido ao Sobredito Cirurgião Mor a escolha dos Proffessores, que não sé ensinem a Cirurgia propriamente dita, mas a Anatomia, como base essencial della, e a Arte Obstetricia tão util como necessaria; o que participo a V. Ex.^a por ordem do mesmo Senhor, para que assim o tenha entendido, e contribua para tudo o que for promover este importante Estabelecimento. Deos Guarde a V. Ex.^a Bahia 18 de Fevereiro de 1808. Ill^{mo} e Ex^{mo} S^{or} Conde da Ponte D. Fernando Jose de Portugal".

Assim, a cidade da Bahia teve o privilégio de acolher e estabelecer a primaz Instituição organizada como Escola para ministrar o ensino médico no Brasil, no azo da estada do Príncipe Regente D. JOÃO no solo da Bahia, em 18 de fevereiro de 1808, quando anuiu à representação a ele feita pelo Conselheiro JOZÉ CORREA PIKANÇO, Cirurgião-Mor do Reino, com o escopo de criar uma *Escola de Cirurgia* para ensinar a Cirurgia, a Anatomia e a Arte Obstetrícia, funcionando no Hospital Real Militar da sede da capitania da Bahia, sendo, em 23 de fevereiro do dito ano, nomeado pelo sobredito Cirurgião-Mor do Reino, dois professores cirurgiões-mores e expedidas as precisas Instruções, *in loco*, realizando-se as lições no Hospital da Cidade da Bahia, instalada no edifício do Colégio que fora dos tangidos padres jesuítas, sito no Largo do Terreiro de Jesus.

Os dois primeiros professores para a instrução na Escola de Cirurgia no Hospital Real Militar da cidade da Bahia, nomeados em 23 de fevereiro de 1808 pelo Conselheiro e Cirurgião-Mor do Reino, JOZÉ CORREA PICANÇO, foram os cirurgiões-mores do sobredito Hospital Real Militar, MANOEL JOZÉ ESTRELLA e JOZÉ SOARES DE CASTRO.

O Dr. MANOEL JOZÉ ESTRELLA foi nomeado para ensinar "Cirurgia especulativa e prática" e o Dr. JOZÉ SOARES DE CASTRO foi designado dar lições "teóricas e práticas de Anatomia e as de Operações Cirúrgicas". Ambos receberam o ordenado anual de 460\$000 réis.

O DR. JOÃO PEREIRA DE MIRANDA, cirurgião-mor agregado ao 1.º Regimento de Infantaria de Linha do Salvador, foi nomeado, sem direito a acréscimo no soldo, pela Carta-Régia de 22 de setembro de 1809, para dar aulas aos cirurgiões-ajudantes de regimentos. Faleceu na cidade da Bahia no ano de 1811.

Não obstante a Carta-Régia determinar também o ensino da "arte *obstetricia* tão util como necessaria", as instruções enviadas por PICANÇO aos dois primazes professores da Escola de Cirurgia da cidade da Bahia, com data de 23 de fevereiro de 1808, não fizeram menção ao ensino da obstetrícia. Somente com a reforma do ensino médico de 1815, foi designado professor específico para a Cadeira.

A Escola de Cirurgia tinha como objetivo formar "cirurgiões" - "cirurgiões formados" para evitar e acabar com os "cirurgiões licenciados" (pessoas que se diziam hábeis ou por conta de atestados emitidos por "cirurgiões-mores" oficiais ou do "Protomedicato" ou por autoridades da Câmara. A "escola de cirurgia" foi instituída para tal finalidade, todavia não formaria "médicos", porquanto tal formação somente poderia ser atendida mediante estudos em Lisboa e outras faculdades médicas da Europa.

A Escola de Cirurgia da Bahia instalou-se no edifício do Hospital Real Militar estabelecido no Colégio dos expulsados padres jesuítas, sito ao Largo do Terreiro de Jesus. Inicialmente, a primaz instituição de ensino médico foi abrigada na "Enfermaria-Botica".

DOCUMENTO INÉDITO LOCALIZADO POR ESTE EXPOSITOR EXIBE A DESCRIÇÃO DA PRIMEIRA SALA DE AULA DA "ESCOLA DE CIRURGIA DA CIDADE DA BAHIA" - EM 12 DE MARÇO DE 1808

Quinta-feira, 12 de março de 1808. Em ofício ao governador e capitão-geral da capitania da Bahia, JOÃO SALDANHA DA GAMA MELLO E TORRES, informava o Sargento-mor-Inspetor em derredor do lugar mais adequado prelecionar aula de Cirurgia e de Anatomia na já criada Escola de Cirurgia da Bahia, que passou a funcionar nas instalações do Hospital Real Militar, estabelecido no edifício do Colégio que fora dos tangidos padres jesuítas, por força da Carta Régia de 18 de fevereiro de 1808.

Assim rezava o dito officio: "*Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.*

Obedecendo ao respeitavel Despacho, pelo qual V. Ex.^{cia} He Servido mandar lhe informe sobre o logar que mais propria e Comodam.^{te} pode se destinado p.^a o estabelecimento da Aula de Cirurg.^a, ede Anatomia, respondo a V. Ex.^a q' o Salão q' fica por cima da botica, contiguo ao meu quarto onde amt.^o se acha dezocupado, e He muito proprio para o tal ministerio, porque te bancos tem p.^a os praticantes não fazendo necessaria mais q' a Cadeira para os Professores, e Hu'a feixadura para a porta da d.^a Salla. He oque posso informar a V. Ex.^{cia} Hosp.^l Real Militar 12 de M.^{co} de 1808"

No verso do histórico e precioso documento manuscrito estava exarado: "*Do Sarg.^{mor} Inspector do Hospital Militar sobre a Salla pedida p.^a o exercicio de Anatomia por J.^e Soares de Castro e Manoel J.^e Estrella. Deferida em 16 deste."*

Cf. Arquivo público do Estado da Bahia -Seção de Arquivo Colonial e Provincial - Guia da Colônia - Repartições e autoridades militares - Maço nº 435 - "Hospital Real Militar" - Originais - (1805-1818) - Manuscritos originais.

Durante o breve período de 8 anos de funcionamento da primaz Escola de Cirurgia da Bahia, alguns moços acadêmicos merecem ser citados: MANOEL JOZÉ BAHIA, JOZÉ ÁLVARES DO AMARAL - lente de Cirurgia, Operações e Partos (1816-1825 ou 1826), mais tarde Secretário do Colégio Médico-Cirúrgico da cidade da Bahia, FRANCISCO SABINO ALVES DA ROCHA VIEIRA, envolvido, em 1837, na revolta conhecida como "a Sabinada", ANTONIO JOZÉ DE SOUZA AGUIAR, (cirurgião-mor do Exército) e FRANCISCO GOMES BRANDÃO, mais tarde Visconde de Jequitinhonha e celebrado parlamentar brasileiro.

A Escola de Cirurgia da cidade da Bahia permaneceu esquecida no sobredito tempo, não recebendo o mesmo apoio do governo da Corte, dado à Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, assim permanecendo até a transformação da Escola de Cirurgia em Academia ou Colégio Médico-Cirúrgico, em 1815, dois anos após instituída a do Rio de Janeiro.

ESCOLA ANATÔMICA, CIRÚRGICA E MÉDICA DO RIO DE JANEIRO

O Príncipe Regente D. JOÃO chegou ao Rio de Janeiro a 7 de março de 1808 e desembarcou a 8 de março, procedente da Bahia, de onde partira a 26 de fevereiro.

Em 2 de abril de 1808, foi criada a cadeira de Anatomia no Hospital Militar da Corte, sediado no antigo Colégio dos Jesuítas, no morro do Castelo. Na mesma data, nomeou-se o cirurgião JOAQUIM DA ROCHA MAZARÉM para lente da nova cadeira de Anatomia. Percebia o ordenado anual de Rs. 480\$000 além de vencimentos adicionais para ministrar um curso de "ligaduras, partos e operações de cirurgia".

Historiógrafos referem que as aulas de cirurgia e de medicina no Hospital Militar do Rio de Janeiro foram criadas pelas motivações de frei CUSTÓDIO DE CAMPOS OLIVEIRA, professo da Ordem de Cristo, cirurgião da Real Câmara, cirurgião-mor dos

Exércitos e Armada, cumprindo um plano já iniciado e estabelecido na capitania da Bahia e seguindo, ademais, a experiência de frei Custódio na condição de Inspetor do Hospital Militar na execução das atividades do novel curso.

Em virtude de viajar no final daquele ano, porquanto MAZARÉM era cirurgião da Armada, o Príncipe Regente o substituiu por meio de Carta Régia de 5 de novembro de 1808 pelo cirurgião JOAQUIM JOZÉ MARQUES, cirurgião-mor do Reino de Angola, com o ordenado de seiscentos mil réis, enquanto não chega MAZARÉM, o qual "passará a ensinar Medicina Operatória, e o curso de Partos, ficando ao mesmo tempo encarregado da assistência de uma das Enfermarias de Cirurgia do mesmo Hospital, ..."

Por conseguinte, a data de 2 de abril de 1808 deve ser considerada como a da criação do Curso de Cirurgia no Rio de Janeiro.

Em consonância com a Carta Régia de 5 de novembro de 1808, decisão régia de 25 de janeiro de 1809 determinou que MAZARÉM passasse a lecionar a nova cadeira de "Medicina operatória e Arte obstetrícia".

O cirurgião JOZÉ LEMOS DE MAGALHÃES foi designado para ensinar a disciplina "Terapêutica cirúrgica e particular."

A cadeira de "Medicina clínica teórica e particular e princípios elementares de matéria médica e farmacêutica" criada por decreto real em 12 de abril 1809, foi regida pelo físico JOZÉ MARIA BOMTEMPO.

O físico AMARO BAPTISTA PEREIRA substituiu JOZÉ LEMOS DE MAGALHÃES, aposentado em 9.1.18211, data da aposentadoria do físico LEMOS DE MAGALHÃES.

Conclui-se que a Escola de Cirurgia da Bahia, limitada às duas primeiras cadeiras de Cirurgia e Anatomia, não mereceu a mesma atenção dada pelo governo da Corte à sua congênere do Rio de Janeiro, que foi privilegiada com maior número de disciplinas.

CRIAÇÃO DAS ACADEMIAS MÉDICO-CIRÚRGICAS

Decreto de 1º de abril de 1813 aprovava o plano de MANOEL LUIZ ÁLVARES DE CARVALHO, natural da Bahia e médico pela Universidade de Coimbra, diretor dos estudos de Medicina e Cirurgia na Corte e Estado do Brasil, com as honras de Físicomor do Brasil, chegando ao Brasil acompanhando a Família Real.

O Plano de MANOEL LUIZ ÁLVARES DE CARVALHO, ou "Plano dos estudos de Cirurgia", segundo SACRAMENTO BLAKE, preconizava a instituição de três Academias Médico-Cirúrgicas, uma no Rio de Janeiro, outra na cidade da Bahia e outra em São Luiz do Maranhão, a qual nunca se concretizou.

ACADEMIA MÉDICO-CIRÚRGICA DO RIO DE JANEIRO - 1813

A Academia Médico Cirúrgica do Rio de Janeiro, criada pelo decreto de 1.º abril de 1813, estabeleceu-se em duas salas recém-construídas junto ao Hospital da

Misericórdia do Rio de Janeiro. Em uma das salas instituiu-se o Teatro de Anatomia, sob a orientação do lente JOAQUIM JOZÉ MARQUES.

Estavam assim distribuídas as disciplinas:

No primeiro ano: Anatomia geral; Química farmacêutica de Noções de Farmácia (JOAQUIM JOZÉ MARQUES)

No segundo ano: Anatomia (repetição) e Fisiologia (JOAQUIM DA ROCHA MAZARÉM)

No terceiro ano: Higiene (VICENTE NAVARRO DE ANDRADE) Etiologia, Patologia e Terapêutica.

No quarto ano: Instruções cirúrgicas, operações e arte obstétrica (MANOEL ÁLVARES DA COSTA BARRETO).

No quinto ano: Prática da Medicina (JOSÉ MARIA BOMTEMPO) e Arte obstetrícia (repetição, em conjunto com os alunos do quarto ano).

A Academia Médico-Cirúrgica da cidade da Bahia, mais comumente chamada Colégio Médico-Cirúrgico, foi estabelecida somente em 1815, perdurando suas atividades de ensino até 1832, quando, ao lado da Academia do Rio de Janeiro, foi transformada em Faculdades de Medicina.

As noveis Academias Médico-Cirúrgicas tinham o sentido de reunião ou conjunto de médicos e professores e obedeciam a certa orientação ou disciplina e ordenação de trabalho.

Da mesma forma que as instituições de ensino médico criadas em 1808, procurava acabar com a instituição de "cirurgiões licenciados", preparando "cirurgiões diplomados ou formados".

Para a matrícula no primeiro ano, exigia-se que o candidato, além de obviamente saber ler e escrever correntemente, entendesse os idiomas francês e inglês. Era aumentado de quatro para cinco anos a duração do curso médico, desaparecendo a possibilidade de, no 3º ano, o aluno requerer "licenciatura" ou "carta de cirurgião licenciado", porquanto, na prática profissional "licenciado" e "formado" se confundiam e praticavam o exercício da arte médica com direitos iguais.

Os alunos que concluíssem os exames do quarto ano, receberiam a Carta de "Aprovados em Cirurgia" e aqueles que frequentassem novamente o curso do quarto ano e cursassem o quinto ano e se submetessem aos precisos exames seriam graduados em "Formados em Cirurgia".

Determinava-se, posteriormente que os alunos da Academia da Corte frequentassem as aulas de Botânica proferidas por frei LEANDRO DO SACRAMENTO no Jardim Botânico do Rio de Janeiro ou no Passeio Público.

Novos Estatutos elaborados pelo lente JOZÉ MARIA BOMTEMPO, que ocupou a diretoria da Academia, foram aprovados em dezembro de 1820, que complementavam o Plano de 1813.

Na vigência do Império, a Lei de 9 de setembro de 1826, alterou essencialmente a expedição da Carta de Cirurgia. Passou a haver dois tipos de diplomados pelas Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia: a "Carta de Cirurgião Aprovado", que habilitava o diplomado, depois de completar o quinto ano do curso, "unicamente para poder curar neste ramo de ciência médica (Cirurgia) em todas as partes do Império". A "Carta de Cirurgião Formado" habilitava o concluinte do curso "a curar de Cirurgia e Medicina em todas as partes do Império", desde que frequentasse o sexto ano do mesmo curso e nele haver repetido as matérias do quarto e quinto anos.

A sobredita lei de 9 de setembro de 1826 decretava que a revalidação dos diplomas de médicos graduados no estrangeiro passasse a ser realizada por banca examinadora de apenas três membros, e não mais por banca composta pelo cirurgião-mor do Império e por dois outros lentes da Academia.

COLÉGIO (OU ACADEMIA) MÉDICO-CIRÚRGICO DA CIDADE DA BAHIA - 1815

Instalada na cidade da Bahia pela Carta Régia de 29 de dezembro de 1815, endereçada pelo Príncipe Regente ao Conde dos Arcos, Dom MARCOS DE NORONHA E BRITTO, governador e capitão-general da capitania da Bahia, quando é transmitido a preocupação das limitações dos princípios de cirurgia que se adquiriam pelas lições das duas cadeiras estabelecidas na Escola de Cirurgia da Bahia, e criava um Curso completo de cirurgia na sede da capitania da Bahia, "à semelhança do que se acha estabelecido por decreto de 1.º de abril no Rio de Janeiro", segundo o plano formado por MANOEL LUIZ ÁLVARES DE CARVALHO, cujas lições deveriam ser dadas no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, transferindo-se para o dito nosocômio as aulas que estavam no Hospital Militar.

Os estatutos da Universidade de Coimbra estavam a reger interinamente as atividades escolares do Colégio Médico-Cirúrgico.

Somente a 17 de março de 1816, foi levada a efeito a transferência da primaz Escola de Cirurgia da cidade da Bahia para a Santa Casa de Misericórdia e seu anexo Hospital São Cristóvão, recebendo a então Escola de Cirurgia a denominação de Academia Médico-Cirúrgica da Bahia, mais comumente chamada de Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia.

Outra Carta-Régia da mesma sobredita data nomeava os seguintes professores:

JOZÉ SOARES DE CASTRO, lente da Anatomia geral, no primeiro ano do curso.

MANOEL JOZÉ ESTRELLA, lente da Anatomia e Fisiologia, no segundo ano.

ANTONIO FERREIRA FRANÇA, lente de Higiene, Etiologia, Patologia e Terapêutica, no terceiro ano.

JOZÉ AVELLINO BARBOZA, lente de Clínica Médica e Obstetrícia, no quinto ano.

Não foi ocupada a cadeira do quarto ano, para as disciplinas de Instituições Cirúrgicas e Operações.

O lente JOZÉ ÁLVARES DO AMARAL foi designado para exercer o cargo de Secretário do Colégio Médico-Cirúrgico e substituto dos três primeiros anos e lente da Cadeira de Operações e Partos.

A corporação de lentes do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, em sessão solene de 13 de dezembro de 1816, conferiu ao conselheiro MANOEL LUIZ ÁLVARES DE CARVALHO, autor do Plano de criação das Academias, e diretor dos estudos médicos e cirúrgicos da Corte e do Estado do Brasil, os títulos de Criador e Fundador do Colégio Médico-Cirúrgico, ou Academia da Bahia.

Em 28 de janeiro de 1817, foi instalada a cadeira de Química, entregando-a ao médico português SEBASTIÃO NAVARRO DE ANDRADE.

Em 7 de dezembro de 1818, foi nomeado o lente MANOEL DA SILVEIRA RODRIGUES para reger a cadeira de Instituições Cirúrgicas e Operações. Foi transferido para a cadeira de Partos na Academia Médico-Cirúrgica da Corte.

A Carta Régia de 29 de novembro de 1819 criou a cadeira de Farmácia, Matéria médica e Terapêutica, sendo indicado para lente, em 1821, MANOEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA.

A cadeira de Patologia externa, ou Patologia cirúrgica, foi criada a 14 de julho de 1825, para ela sendo designado JOZÉ LINO COUTINHO.

Em 1825, eram sete os lentes que compunham o Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, vencendo cada um 600\$000 réis anuais, e percebendo o substituto 300\$000 réis anuais:

Anatomia: JOZÉ SOARES DE CASTRO.

Fisiologia: MANOEL JOZÉ ESTRELLA.

Patologia interna, Higiene e Terapêutica: ANTONIO FERREIRA FRANÇA.

Operações e Partos: JOZÉ ÁLVARES DO AMARAL.

Patologia externa: JOZÉ LINO COUTINHO.

Farmácia e Matéria Médica: MANOEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA.

Medicina pratica (Clínica médica): JOZÉ AVELLINO BARBOZA.

Lente substituto: FRANCISCO DE PAULA DE ARAUJO E ALMEIDA

Em 11 de janeiro de 1820, foram diplomados como Cirurgiões Aprovados os quatro primeiros médicos formados pelo Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia: ANTONIO TORQUATO PIRES, FRANCISCO DE PAULA ARAÚJO E ALMEIDA, FRANCISCO MARCELLINO GESTEIRA E FORTUNATO CÂNDIDO DA COSTA DORMUND. No final do mesmo ano, em 30 de dezembro, os três últimos relacionados foram diplomados Cirurgiões Formados.

A CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS FACULDADES DE MEDICINA DA BAHIA E DO RIO DE JANEIRO

Desde 1821, era intenso o desejo de reforma das Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, consideradas como anacrônicas e deficientes.

Em 1823, os deputados da Assembléia Constituinte Brasileira apresentaram e discutiram projetos que objetivavam universidades. Os representantes de Minas Gerais e Bahia, ambos médicos, ANTONIO GONÇALVES GOMIDE, celebrado psiquiatra e senador mineiro e o professor ANTONIO FERREIRA FRANÇA, então lente de Higiene, Etiologia, Patologia e Terapêutica, do Colégio Médico Cirúrgica da Bahia, defenderam a instalação de universidades em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Na Assembleia, protesto se levantaram contra a obrigatoriedade de visto e assinatura do Cirurgião-mor do Império nos diplomas outorgados pelas Academias Médico-Cirúrgicas para adquirirem validade.

Não aceitando ter poderes limitados, além das imposições dos parlamentares, D. PEDRO I dissolveu a Assembleia Constituinte em 12 de novembro de 1823 e outorgou em 25 de março de 1824 a primeira Constituição do Brasil.

As questões do ensino médico voltaram a ser debatidas. D. PEDRO I mandou executar a lei de autonomia das Academias, por meio da qual cessava a tutela do Cirurgião-mor do Império.

Em 1830, FRANCISCO DE PAULA ARAUJO E ALMEIDA, baiano e então lente substituto das Cadeiras Cirúrgicas e lente de Fisiologia, Deputado Geral pela Bahia, e, em 1836, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, sugeriu que as escolas de Cirurgia se transformassem em escolas de Medicina, aumentando em sete o número anos do curso médico.

A Câmara dos Deputados encaminhou o projeto do professor FRANCISCO DE PAULA ARAUJO E ALMEIDA para apreciação pela egrégia SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, criada em 30 de junho de 1829, denominada em 8 de maio de 1835, Academia Imperial de Medicina, e com o nome de ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, pela instalação do regime republicano, por meio do decreto do governo provisório de nº 9 de 21.11.1889.

Na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro pontificavam notáveis nomes da pleiada de médicos da Corte: JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM, JOAQUIM JOSÉ DA SILVA, JOSÉ MARIA CAMBUCI DO VALE, JOAQUIM VICENTE TORRES HOMEM, futuros professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, além dos seus ínclitos fundadores os médicos OCTAVIANO MARIA DA ROSA, JEAN MAURICE FAIVRE, JOAQUIM CÂNDIDO SOARES DE MEIRELLES, LUIZ VICENTE DE-SIMONI e outros luminares beneméritos fundadores.

Em sucessivas reuniões, os membros do augusto sílogeu elaboraram anteprojeto denominado "Plano de organização das Escolas Médicas do Império do Brasil", que foi apresentado por CRUZ JOBIM, em nome da Sociedade, à apreciação da Câmara dos Deputados do Império. Com parecer favorável do professor e parlamentar da Bahia, FRANCISCO DE PAULA ARAUJO E ALMEIDA, relator na Comissão de Saúde, o sobredito plano foi discutido, votado e aprovado pela Câmara e pelo Senado.

Destarte, a 3 de outubro de 1832, a lei de fundação das Faculdades de Medicina, no Brasil, foi firmada pela Regência Trina Permanente, composta do brigadeiro FRANCISCO DE LIMA E SILVA, JOSÉ DA COSTA CARVALHO, ao depois

Marquês de Monte Alegre e JOÃO BRÁULIO MUNIZ e referendada pelo ministro do Império, o senador NICOLAU PEREIRA DE CAMPOS VERGUEIRO.

Por conseguinte, esse decreto transformou as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia em Faculdades de Medicina.

A lei de 3 de outubro de 1832 definiu que o curso médico constasse de quatorze matérias, lecionadas cada uma por um professor, doutor em Medicina, proprietário da cadeira, que receberia o ordenado de 1:200\$000 réis anuais; os professores substitutos venceriam cada um 800\$000 réis anuais.

O curso efetuava-se em seis anos, mediante aulas teóricas nas sedes das duas faculdades, e as lições práticas seriam ministradas nas enfermarias dos hospitais das Santas Casas de Misericórdia.

Para os precisos regimentos, foram adotados os estatutos da Faculdade de Medicina de Paris.

Foram instituídos três cursos: o de Medicina, o de Farmácia (três anos) e o de Partos, passando as faculdades a conceder os títulos de doutor em Medicina, de farmacêutico e de parteira.

Para ser conferido o título de doutor em Medicina, o candidato sustentava, em público, tese inaugural ou doutoral, escrita no idioma nacional, ou em latim, e impressa à própria custa.

Aos cirurgiões diplomados pelas Academias e aos alunos que nelas estavam cursando no ano da instituição das Faculdades de Medicina, em 1832, a obtenção do grau de doutor mediante a submissão a exame das disciplinas que não constavam no antigo regime de curso médico.

Pelo decreto de 16 de setembro de 1834, foram outorgados o grau de doutor em Medicina a todos os professores nomeados para as duas Faculdades.

Os primeiros doutores em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro defenderam tese em dezembro de 1834; na Bahia, a defesa de tese só foi realizada em 1836.

As ditas teses constavam de uma dissertação e enumeração das proposições, que eram a transcrição de aforismos de HIPÓCRATES.

As vestes talaras para solenização de colação de grau foram criadas em 1839.

O diretor das duas faculdades era nomeado pelo governo imperial pelo período de três anos, escolhidos de lista tríplice.

O ano letivo compreendia o período de 1º de março a 31 de outubro e os exames ou "actos" eram realizados em novembro e dezembro.

A matrícula custava 20\$000 réis e os candidatos deveriam ter dezesseis anos completos e conhecer os idiomas francês ou inglês, além de Filosofia racional e moral, Aritmética e Geometria.

Por meio de exames de suficiência, as duas faculdades verificavam os títulos de médico, cirurgião e boticário, fornecidos por escolas estrangeiras.

Referentemente à verificação do título de dentista, era admitido, não obstante a lei de 3 de outubro não haver tratado do curso dentário, pois a odontologia ainda continuava sendo exercida pelos "barbeiros-sangradores".

Eis a relação das disciplinas instituídas para as duas Faculdades de Medicina:

Primeiro ano: Física médica, Botânica e princípios elementares de Zoologia.

Segundo ano: Química médica e princípios elementares de Mineralogia - Anatomia geral e descritiva.

Terceiro ano: Anatomia, ministrada pelo mesmo lente do segundo ano - Fisiologia.

Quarto ano: Patologia externa - Patologia interna - Farmácia, Matéria médica, especialmente brasileira, Terapêutica e Arte de formular.

Quinto ano: Anatomia topográfica, Medicina operatória e aparelhos - Partos, moléstias de mulheres peçadas e paridas e de meninos recém-nascidos.

Sexto ano: Higiene e História da Medicina - Medicina legal.

E ainda: Clínica externa e Anatomia patológica respectiva, a todos os estudantes do segundo ao sexto anos; e Clínica interna e Anatomia patológica respectiva aos do quinto e sexto anos.

Observa-se que o ensino da História da Medicina teve início em 1832 e persistiu até 1891, face a Reforma BENJAMIN CONSTANT.

O curso farmacêutico era ministrado em três anos, pelos professores do curso médico. Depois de praticarem por três anos em uma botica (farmácia), os alunos recebiam o título de farmacêutico.

O curso para parteiras, lente de Partos, que assumia características de curso particular, era ministrado pelo lente de Partos. No término do curso, o título de parteiras era concedido, ou não, às alunas.

Infere-se pelo exposto, que foi estabelecido o verdadeiro ensino médico no Brasil, - criado pela lei de 3 de outubro de 1832, moldado pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e norteado pelos estatutos da Faculdade de Medicina de Paris.

Decreto de 15.7.1848 considerou "habilitados para exercitar livremente qualquer dos ramos da Ciência Médica em todo o Brasil os cirurgiões-aprovados e formados pelas antigas Academias Médico-Cirúrgicas do Império". Destarte, desaparecia a distinção entre médicos (os antigos físicos) e cirurgiões.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

No Rio de Janeiro, os cursos de Medicina, de Farmácia e de Partos funcionarem em instalações da Santa Casa de Misericórdia, na Praia de Santa Luzia, onde funcionava a Academia Médico-Cirúrgica.

Decreto de 17 de fevereiro de 1832 extingue os Hospitais e cria os Regimentais e manda estabelecer os Hospitais Regimentais em local apropriado, o mais próximo que for possível do quartel, "quando absolutamente não possa ser dentro delle."

Foi, assim, extinto o Hospital Militar, sediado no edifício do antigo Colégio dos Jesuítas anexo à Igreja de Santo Inácio, no morro do Castelo. Mesmo em precário estado de conservação, em 1836 a novel Faculdade de Medicina transferiu-se para o anciano Colégio que pertencera aos padres inacianos. O ensino das cadeiras de clínica médica e cirúrgica continuou nas enfermarias da Santa Casa.

Em 1844, parte das instalações da Faculdade se alojou em acanhado sobrado da praia de Santa Luzia. Por conseguinte, a escola foi distribuída em acomodações do Hospital Militar, no exíguo sobrado da praia de Santa Luzia e na Santa Casa.

O Hospital Militar desapareceu com a demolição do morro do Castelo em 1920.

Peregrinando em busca de uma sede, a Faculdade foi alojada em prédio do Recolhimento das Órfãs, da Santa Casa de Misericórdia, em 1856.

Em 1881, houve tentativa de se utilizar prédio de construção iniciada em 13 de fevereiro, cuja pedra fundamental foi lançada com a presença de D. PEDRO II, que fazia parte de criação de projeto arquitetônico de uma Universidade do Rio de Janeiro. O prédio, que seria destinado à Faculdade, seria instalado na praia da Saudade, atual Avenida Pasteur. As fundações foram abandonadas.

Em 3 de maio de 1916, no governo do Presidente Venceslau Braz, teve início a construção da sede da Faculdade de Medicina na Praia Vermelha, inaugurada em 12 de outubro de 1918.

Em 1973, foi demolido o majestoso prédio da então Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil (1945), na Praia Vermelha.

A transferência das instalações da Praia Vermelha para a Ilha do Fundão foi realizada em janeiro de 1973. Era Diretor da Faculdade de Medicina o Professor JOSÉ LOPES PONTES.

Era o seguinte o quadro de professores catedráticos, em 1833:

Física Médica - FRANCISCO DE PAULA CÂNDIDO.

Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia - FRANCISCO FREIRE ALEMÃO CISNEIROS.

Química Médica e Princípios Elementares de Mineralogia - JOAQUIM VICENTE TORRES HOMEM.

Anatomia Geral e Descritiva - JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

Farmácia, Matéria Médica (especialmente brasileira), Terapêutica e Arte de Formular - JOÃO JOSÉ DE CARVALHO.

Anatomia Topográfica, Medicina Operatória e Aparelhos - MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO.

Partos, Moléstias de Mulheres Pejadas e Paridas e de Meninos Recém-Nascidos - FRANCISCO JÚLIO XAVIER.

Higiene e História da Medicina - JOSÉ MARIA CAMBUCI DO VALE.

Higiene Legal - JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

Clínica Externa e Anatomia Patológica Respectiva - THOMÁS GOMES DOS SANTOS.

Clínica Interna e Anatomia Patológica Respectiva - MANOEL VALADÃO PIMENTEL.

Em 1834 verificou-se a primeira revalidação de diploma de médico estrangeiro, o do francês JEAN BAPTISTE IMBERT, graduado pela Universidade de Montpellier. aos doutorandos.

Ainda em 1834, decidiu-se que os lentes e os substitutos usariam nos atos solenes, uma capa igual à trajada pelos desembargadores. Nos atos de defesa de tese, vestiriam casaca.

Resolveu-se que o anel de grau seria de ouro, com o busto de Hipócrates em relevo. Somente em 1856 a Congregação instituiu a esmeralda como pedra símbolo dos médicos.

D. PEDRO II e a Imperatriz TEREZA CRISTINA DE BOURBON-DUAS SICÍLIAS sempre compareceram à cerimônia de colação de grau.

Em 1835, apenas cinco alunos se diplomaram.

Em 1836, verificou-se o primeiro trote imposto: sob ameaça de violência, os calouros eram obrigados ao pagamento de "patente".

As solenizações de colação de grau ganharam mais fausto, com o juramento e a imposição do capelo aos formandos, oração do diretor da Faculdade e o "discurso do estilo" pelo orador da turma.

Em 1855, o ordenado de um lente catedrático era de 2:000\$000 réis anuais e mais 1:200\$000 anuais de gratificação.

Os lentes substitutos venciam 1:200\$000 anuais e mais gratificação na mesma quantia.

Nos gabinetes, serventes livres venciam 720 réis por dia e serventes escravos ganhavam 800 réis por dia.

Em 1864, a guerra contra o Paraguai, provocou a apresentação de alguns lentes e alunos. Foram organizados "hospitais de sangue". O lente de Clínica Externa, MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO, atuou como Chefe do Corpo de Saúde do Exército, no posto de brigadeiro.

Também atuaram os lentes JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA FONTES, FRANCISCO PRAXEDES DE ANDRADE PERTENCE e FRANCISCO BONIFÁCIO DE ABREU e os opositores JOAQUIM MONTEIRO CAMINHOÁ, MATEUS DE ANDRADE, FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES

Em 1845 a biblioteca da Faculdade possuía três mil volumes, predominando autores franceses e teses de doutorandos.

Até o final do século XIX foram bibliotecários:

DOMINGOS DE AZEREDO COUTINHO DUQUE-ESTRADA, de 1838 a 1844, formado em Medicina pela Universidade de Bruxelas; LUDGERO DA ROCHA FERREIRA LAPA, de 1844 a 1854; SATURNINO DE SOUZA OLIVEIRA, de 1854 a 1858; JOAQUIM CRISTÓVÃO DOS SANTOS, de 1858 a 1873; JOSÉ PINTO DE SÁ, de 1873 a 1880 e CARLOS ANTONIO DE PAULA COSTA, de 1880 1903.

Diretores

Até 1899, foram os seguintes os diretores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: DOMINGOS RIBEIRO DE GUIMARÃES PEIXOTO, Barão de Iguaçu (1832 a 1839); MANOEL VALADÃO PIMENTEL, barão de Petrópolis (1839 a 1842); JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM (1842 a 1872); LUIZ DA CUNHA FEIJÓ, visconde de Santa Izabel (1872 a 1881); VICENTE CÂNDIDO FIGUEIRA DE SABÓIA, visconde de Sabóia (1881 a 1889).

Vice-Diretores

JOSÉ BENTO DA ROSA, (1854); LUIZ DA CUNHA FEIJÓ. Visconde de Santa Izabel (1854 a 1871); FRANCISCO FERREIRA DE ABREU, barão de Teresópolis (1873 a 1881); ANTONIO CORREIA DE SOUZA COSTA (1881 a 1883); ALBINO RODRIGUES DE ALVARENGA, Visconde de Alvarenga (1884 a 1890).

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

O Colégio Médico-Cirúrgico da Cidade da Bahia, que estava estabelecido no edifício da Santa Casa de Misericórdia e no seu anexo Hospital São Cristóvão, já com a denominação de Faculdade de Medicina da Bahia, criada pela lei de 3 de outubro de 1832, juntamente com congênere da Corte, retornou no dia 2 de julho de 1833 para o Hospital Militar estabelecido no extinto Colégio dos Jesuítas, situado no Largo do Terreiro de Jesus, que havia abrigado a primaz Escola de Cirurgia da Bahia, instituída por Carta Régia de 18 de fevereiro de 1808.

Tal qual a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a escola da Bahia sofria de carência de material e de meios para seu pleno funcionamento.

Cotejando o funcionamento entre as duas Faculdades, verifica-se a situação privilegiada da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Situada na capital do Império, a escola do Rio atraía as personalidades mais brilhantes e mais ilustradas. Contava com maior número de moços estudantes e, conseqüentemente, graduou mais doutores em

Medicina. Pertenceram ao quadro docente da Faculdade carioca os mais celebrados médicos do Império. Títulos nobiliárquicos foram outorgados a dezesseis lentes: um conde, viscondes e barões. Na Bahia, somente ADRIANO ALVES DE LIMA GORDILHO, lente de Obstetrícia foi contemplado com o título de nobreza, barão de Itapuã. Os professores da Faculdade da Corte, JOZÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM e CÂNDIDO BORGES MONTEIRO, visconde de Itaúna foram escolhidos pelo Imperador para o Senado do Império, ou "Câmara Vitalícia", cujas cadeiras eram vitalícias.

Não obstante tais obstáculos, a Faculdade de Medicina da Bahia cumpriu a sua missão de ensinar as ciências médicas. Nas últimas décadas da centúria XIX, ilustrados lentes da escola da Bahia proporcionaram a seus alunos um aprendizado tão eficiente quanto o ministrado pelos seus colegas do Rio de Janeiro.

Depois de submeter-se a concurso, o corpo docente da Faculdade de Medicina da Bahia estava assim composto, em 1833:

Física Médica - VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES.

Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia - MANOEL MAURÍCIO REBOUÇAS.

Química Médica e Princípios Elementares de Mineralogia - JOZÉ VIEIRA DE FARIA ARAGÃO ATALIBA.

Anatomia Geral e Descritiva - JONATHAS ABBOTT.

Fisiologia - FRANCISCO DE PAULA ARAÚJO E ALMEIDA.

Patologia Externa - JOZÉ LINO COUTINHO.

Patologia Interna - ANTONIO FERREIRA FRANÇA.

Farmácia, Matéria Médica (especialmente brasileira) - FOTUNATO CANDIDO DA COSTA DORMUND.

Anatomia Topográfica, Medicina Operatória e Aparelhos - JOÃO BAPTISTA DOS ANJOS.

Partos, Moléstias de Mulheres Pejadas e Paridas e de Meninos Recém-Nascidos - FRANCISCO MARCELLINO GESTEIRA.

Higiene e História da Medicina - JOZÉ AVELLINO BARBOZA.

Medicina Legal - JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA.

Clínica Externa e Anatomia Patológica Respectiva - JOÃO ANTUNES d'AZEVEDO CHAVES.

Clínica Interna e Anatomia Patológica Respectiva - ANTONIO POLICARPO CABRAL.

Diretores

Abrangendo apenas o período de 1832 a 1901.

JOZÉ LINO COUTINHO (1832 a 1836; FRANCISCO DE PAULA ARAUJO E ALMEIDA (1836 a 1844); JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA (1844-1855); JONATHAS ABBOTT (Diretor Interino - 1855-1857); JOÃO BAPTISTA DOS ANJOS (1857 a 1871); VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES (Diretor Interino - 1871 a 1874); ANTONIO JANUARIO DE FARIA (1874-1881); FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA (1881-1886); RAMIRO AFFONSO MONTEIRO (1886 a

1891); ANTONIO DE CERQUEIRA PINTO (1891 a 1895); ANTONIO PACIFICO PEREIRA (1895 a 1898); JOSÉ OLYMPIO DE AZEVEDO (1898 a 1901); ALFREDO THOMÉ DE BRITTO (1901 a 1908).

O conselheiro JOZÉ LINO COUTINHO recebeu no dia 20 de julho de 1833, ofício firmado pelo presidente da província da Bahia, JOAQUIM JOZÉ PINHEIRO DE VASCONCELLOS, depois Barão e Visconde de Montserrat, dando conta da sua nomeação de Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, exarado nos seguintes termos: "Participo a V. S. p.^a ao conhecimento, que em Avizo de 8 do corr.^o expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, me foi co'municado, que a Regencia em Nome do Imperador, Houve p.^r bem Nomear aV.S. , a V.S.para Director, digo, a V.S. p.^r Decreto de 27 de Junho ultimo para o Lugar de Director da referida Faculdade, ficando dispensado de assistir aos Exames e Theses como Ordena a Ley de 3 de 8br.^o do anno passado."

Consoante o que determinava o decreto de setembro de 1834, os lentes e substitutos receberam em 1835 o título de doutor em Medicina que ainda não possuíam.

Em 1836, o formando MANOEL EZEQUIEL DE ALMEIDA, da 21^a turma da Faculdade de Medicina da Bahia, defendeu a primeira tese inaugural ou doutoral, intitulada "Asfixia por submersão ou afogamento".

O Dr. MANOEL EZEQUIEL DE ALMEIDA foi o primeiro formando a sustentar tese inaugural, em 19 de dezembro de 1836, na cadeira de Medicina Legal, por meio da sobredita dissertação. Aprovado por unanimidade pelos lentes JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA e MANOEL LADISLÁO ARANHA DANTAS, foi examinado pelos lentes JONATHAS ABBOTT, JOÃO JACINTO ALENCASTRE e ANTONIO POLICARPO CABRAL, sendo a comissão examinadora presidida pelo lente FRANCISCO DE PAULA ARAUJO e ALMEIDA. A tese foi publicada pela "Typographia do Correio Mercantil" e continha 56 páginas.

Tal informação foi levada a efeito pelo A., c. 1995/1996, em pesquisa no Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia, conforme as anotações manuscritas originais observadas e lavradas no alentado livro *"Relação das theses defendidas na Faculdade de Medicina da Bahia - Numero de ordem 1- 19 de dezembro de 1836"*.

Cf. Britto ACN. A medicina baiana nas brumas do passado. 1^a edição. Contexto & Arte Editorial: Salvador, p. 270, 2002.; ENDOGASTRO Informativo *Científico*, Ano II, Agosto de 1998. Nº 23. Edição Especial. Nordeste Gráfica Ltda: Feira de Santana, Bahia, p. 16, 1998.

Em 2 de maio de 1836, foi criada a primeira biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia. O seu incipiente acervo constava de 400 volumes. Em 1841, o numero de volumes se elevou para 900.

Em 21.7. 1835, o Ministro do Império, em virtude de representação ao Ministério feita pelo professor FRANCISCO DE PAULA ARAUJO E ALMEIDA, solicitou ao Ministro da Fazenda que mandasse pagar ao lente ARAUJO E ALMEIDA o ordenado que lhe competia de direito, e pelo tempo que estiver sem lecionar "por vir tomar assento na Câmara dos Deputados", no Rio de Janeiro. A representação foi motivada de

ter sido sustado o pagamento ao sobredito lente pelo fato de não haver ministrado aulas."

Em 1836, foi instalado o Laboratório de Química, que foi adquirido do farmacêutico MANOEL RODRIGUES SILVA pela quantia de 1:825\$310 , que estudara Química em Paris, sendo nomeado preparador do dito Laboratório.

Em 1837, verificou-se a denominada revolução Sabinada, liderada pelo lente FRANCISCO SABINO ALVES DA ROCHA VIEIRA, que foi aluno da Escola de Cirurgia da Bahia no período de 1812 a 1819.

Em 1839, o secretário da Faculdade era o médico PRUDENCIO JOZÉ DE SOUZA BRITTO COTEGIPE, bacharelado em Medicina na Universidade de Coimbra.

Os médicos ANTONIO JOZÉ OSÓRIO e MANOEL FELICIANO RIBEIRO DINIZ exerceram o cargo de bibliotecário em 1839 e 1843 respectivamente.

Ainda em 1839, o futuro lente de Terapêutica e Matéria Médica (1854 a 1861), JOAQUIM DE SOUZA VELHO, doou ao gabinete de Matéria Médica duzentos frascos de "substâncias medicinais".

JONATHAS ABBOTT dotou a Faculdade com um gabinete de Anatomia.

Naquela época, o ensino prático era extremamente precário por absoluta falta de material adequado e de recursos orçamentários.

Somente em 1848 chegaram os primeiros instrumentos encomendados em Paris para o gabinete de Física.

Em 1854, foi escrita a primeira "Memória Histórica" pelo lente de Medicina Legal MALAQUIAS ÁLVARES DOS SANTOS, por força do decreto nº 1387 de 28 de abril do dito ano, que instituía "uma memória histórica", "para servir de crônica da Faculdade". Tal decreto reformou o ensino no País e foi promulgado pelo Conselheiro LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ, depois Visconde do Bom Retiro.

Foram escritas 67 Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia desde 1854, sendo a última, a 67ª, redigida por este expositor, relativa aos acontecimentos mais notáveis ocorridos naquela Faculdade no ano de 2010.

Em 10 de outubro de 1859, a Faculdade de Medicina foi visitada pelo Imperador D. PEDRO II.

Em 1862, estavam matriculados 116 alunos, número superior ao existe na mesma época na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Ainda em 1862, havia trinta alunos matriculados no curso farmacêutico e nenhum no de Obstetrícia. Todavia, nesse ano, instalou-se uma enfermaria de Partos na Santa Casa sob a direção do lente de Obstetrícia, ADRIANO ALVES DE LIMA GORDILHO, barão de Itapuã.

O ministro do Império determinou em 13 de agosto de 1868, que os alunos do curso de Farmácia prestassem juramento no mesmo dia de colação de grau dos alunos do curso médico.

Logo no início da guerra do Paraguai, um sem número de lentes e alunos serviram nos hospitais de sangue no teatro da luta.

Em 10 de julho de 1866, foi lançado o mais importante jornal médico brasileiro do século XIX, a *Gazeta Médica da Bahia*, publicada por uma associação de facultativos, sob a direção do Dr. VIRGILIO CLIMACO DAMAZIO. O periódico foi editado ininterruptamente durante quase sete décadas, até 1934. Deixou de ser publicado até o ano de 1966 e reeditado com regularidade durante apenas seis anos, até 1972. Foi lançado um número avulso em 1976. Finalmente, em 2004, o diretor da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, Prof. JOSÉ TAVARES-NETO fez ressurgir o prestigioso jornal médico, que circula com regularidade até os dias de hoje.

Em 1874, presidente da província FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA SOARES DE ALMEIDA, depois barão de Caçapava, ofertou à Faculdade instrumentos cirúrgicos.

No mesmo ano, um curso de Obstetrícia foi inaugurado em 1874 pela cadeira de Partos, de cunho teórico e prático.

Em 1880, o lente ANTONIO PACÍFICO PEREIRA, representando a Congregação, enviou à Câmara dos Deputados do Império uma "Representação" propondo as bases para uma reforma geral do ensino médico por meio de análise das deficiências e apresentação de proposições. As modificações apresentadas por PACÍFICO PEREIRA foram executadas pelo visconde de Sabóia, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1884, foi criado o Curso de Odontologia pela Reforma do Visconde de Sabóia, cujo professor foi MANOEL BONIFÁCIO DA COSTA.

Obstetrícia

Como na época do Brasil Colônia, a Arte Obstétrica era exercida durante o escoar do século XIX pelas "parteiras" e "comadres" ou "aparadeiras".

A cadeira de partos sempre constou dos programas de ensino nas duas Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia e, ao depois, das duas Faculdades de Medicina.

Clínicos, cirurgiões e professores tornaram-se conhecidos como celebrados obstetras: FRANCISCO JÚLIO XAVIER, FRANCISCO DE PAULA MENEZES, FRANCISCO LOPES DE OLIVEIRA ARAÚJO, LUIZ DA CUNHA FEIJÓ, barão e visconde de Santa Isabel no Rio de Janeiro; CLIMERIO CARDOSO DE OLIVEIRA e ADRIANO ALVES DE LIMA GORDILHO, barão de Itapuã, na Bahia; ADOLFO JOSETTI, em PORTO ALEGRE e SIMPLÍCIO ANTONIO MAVIGNIER, no Recife.

Após a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, parteiras francesas, em sua maioria, aprovadas pelo Curso de Partos da Faculdade de Medicina de Paris, se estabeleceram no Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Elas, além de realizarem o parto, sangravam, vacinavam contra a varíola e tratavam as moléstias do útero.

Delas, a mais afamada foi madame DUROCHER, MARIE JOSEPHINE MATHILDE DUROCHER. Matriculou-se no Curso Obstétrico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, obtendo, em 1834, o diploma de parteira. Notabilizada em sua arte, foi admitida pela Academia Imperial de Medicina como membro titular em 1871.

No escoar do século XIX, não houve a criação de Maternidades anexas às Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia.

Data de 1877 a fundação da primeira maternidade na capital do Império, a Maternidade Santa Izabel, que teve como um dos fundadores JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS.

Se bem que a resolução de criar a Escola de Cirurgia na cidade da Bahia, fizesse menção também ao estudo da "Arte Obstétrica", vale enfatizar que as Instruções enviadas por PICANÇO aos dois primeiros professores da Escola não fizeram qualquer referência a essa Arte. Somente com a reforma de 1815, criando as Academias, foi designado professor específico para a cadeira (MANOEL ÁLVARES DA COSTA BARRETO, no Rio de Janeiro e JOZÉ ALVARES DO AMARAL, professor substituto, na Bahia).

A reforma do ensino médico começada em 1879 e terminada em 1894, criou a Cadeira de Clínica Obstétrica e Ginecológica, que funcionou na mesma enfermaria Santa Izabel, no velho Hospital São Cristóvão da Santa Casa de Misericórdia da Bahia. O ensino da arte obstétrica somente melhorou com a transferência das instalações do Hospital São Cristóvão, no Terreiro de Jesus, para as novas acomodações do Hospital Santa Izabel, da Santa Casa de Misericórdia, no Largo de Nazaré, inaugurado em 30 de julho de 1893.

A nova Maternidade Climério de Oliveira teve seu edifício iniciado em 1903 e inaugurado em 30 de outubro de 1910, celebrando, por conseguinte, seu centenário de prestante e benemérito atendimento.

Farmácia

Em 1832, instalou-se no Brasil o Curso Farmacêutico, em três anos, e anexo ao Curso médico, nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, tendo início efetivamente somente em 1836.

Todavia, segundo o saudoso GALENO EGYDIO JOSÉ DE MAGALHÃES, do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, a Faculdade de Medicina da Bahia foi a primeira a diplomar um farmacêutico em 1836, JOSÉ FIRMINO DE ARAÚJO, matriculado em 1834.

Lei da Assembleia Provincial de Minas Gerais, de 4 de abril de 1839, aprovada pelo presidente da Província, BERNARDO JACINTO DA VEIGA, criou e instalou em

Ouro Preto, então capital das Minas Gerais, a primeira e mais antiga escola brasileira consagrada ao ensino da Arte Farmacêutica. Seus dois primeiros lentes foram os boticários MANOEL JOSÉ CABRAL e CALIXTO JOSÉ ARIEIRA. Os diplomas conferidos pela Escola de Farmácia de Ouro Preto só foram aceitos como válidos dentro dos limites da província de Minas Gerais. Ao depois, em 9.6.1883, o Governo Imperial reconheceu a escola e estendeu sua legitimidade a todo o território brasileiro.

Odontologia

Em virtude da Reforma LEÔNICIO DE CARVALHO, dada em 19 de abril de 1879, o ensino da Odontologia no Brasil somente foi incluído no programa das faculdades médicas do Rio de Janeiro e da Bahia, efetivando-se a partir de 1884, quando da Reforma Visconde de Sabóia.

Anteriormente, as duas escolas médicas apenas "verificavam" por meio de revalidação de diplomas de dentistas graduados no exterior, valendo-se de uma comissão de três lentes.

Somente em fins do século passado é que MANOEL BONIFÁCIO DA COSTA (1848-1912), natural da Bahia, doutor em Medicina pela escola da Bahia, inaugurou o Curso Odontológico na Faculdade de Medicina da Bahia, lecionando Clínica Odontológica.

REFORMAS DO ENSINO MÉDICO APÓS A LEI DE 3 DE OUTUBRO DE 1832

Vinte e dois após a promulgação da lei de 3 de outubro de 1832, em 1954, o Ministro do Império, LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ, visconde do Bom Retiro, por decreto nº 1387, de 28 de abril de 1854, reorganizava todo o ensino superior do Brasil, deu novos estatutos às Faculdades de Medicina, seguidos do Regulamento Complementar promulgado em 14 de maio de 1856.

A Reforma manteve a denominação de faculdades e emitiu novos estatutos. Decretou que cada uma das duas Faculdades fosse dirigida pelo diretor e pela Congregação de lentes. Os três cursos continuavam: o médico, em seis anos; o farmacêutico em três; e o obstétrico em dois. O curso de Partos permaneceu privativo do lente de Obstetrícia e o curso de Medicina perfazia o total de dezoito cadeiras pelo acréscimo de quatro cadeiras: Anatomia geral e patológica, Patologia geral, Química orgânica, e Farmácia, que se desmembrou de Matéria médica e Terapêutica.

Foi recomendada a necessidade de criar u'a Maternidade diretamente vinculada à Faculdade de Medicina.

Decreto de número 1.387, no Art. 197, estatua que, na última sessão da Congregação de cada ano, seria escolhido um dos seus pares para relatar os acontecimentos mais importantes concernentes ao ano letivo findo.

Criou a classe dos "opositores" e suprimiu o cargo de lente substituto. Por força do decreto nº 2.649, datado de 22 de setembro de 1875, os opositores foram mudados para substitutos, contemplados como sucessores das disciplinas, mediante concursos.

A Reforma LEÔNICIO DE CARVALHO, pelo decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, concebida conforme modelos europeus, instituiu a frequência livre às aulas e retomou

a liberdade de ensino, permitindo a realização de cursos não oficiais. Aboliu-se o juramento católico na colação de grau. Autorizou-se a matrícula de mulheres.

A sobredita lei estatua no seu Art. 24, que a cada uma das Faculdades de Medicina ficam anexos uma Escola de Farmácia, um curso de Obstetrícia, e outro de Cirurgia Dentária.

Nos parágrafos 1º e 4º do sobredito artigo estavam exaradas as principais alterações respeitantes ao ensino médico, pelas quais os cursos das Faculdades eram divididos em ordinários e complementares; as matérias foram divididas nas seguintes seções: Ciências Físico-químicas; Ciências Naturais; Ciências Médicas e Ciências Cirúrgicas.

O Decreto nº 8.024, de 12 de março de 1881, firmado por FRANCISCO INÁCIO MARCONDES HOMEM DE MELLO, barão de HOMEM DE MELLO, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, prescrevia a criação da polícia acadêmica e regulava o exercício da profissão da Medicina

Pelo Decreto de 13 de janeiro de 1883, os lentes substitutos foram transformados em adjuntos.

O decreto de 25 de outubro de 1884, de nº 9.311, conhecido como Reforma SABOIA, assim denominada graças ao desempenho do diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, VICENTE CÂNDIDO FIGUEIRA DE SABÓIA, conservava a Reforma LEÔNCIO DE CARVALHO, apresentando, todavia, algumas alterações: um curso de Ciências Médicas e Cirúrgicas e mais três cursos anexos, o de Farmácia, de Obstetrícia e Ginecologia e o de Odontologia seriam ministrados pelas duas Faculdades; foi acrescido a classe dos assistentes.

A reforma promulgada no período republicano, mediante decreto nº 1.270 de 10/01/1891, promulgada pelo governo provisório do Marechal DEODORO DA FONSECA, e referendada pelo Ministro da Instrução Publica, Correios e Telégrafos BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES denominou as duas Faculdades de Medicina, a do Rio de Janeiro e a da Bahia, de Faculdade de Medicina e Farmácia.

O curso de Medicina foi ampliado para 29 cadeiras, organizadas em 12 seções; criou-se mais dois laboratórios: de química analítica e toxicológica e de anatomia médico-cirúrgica e comparada e foi tornada obrigatória a frequência nos sobreditos laboratórios, como de restos nas cadeiras em geral; os cursos anexos às duas faculdades foram os cursos de parteira e de odontologia.

As mulheres pioneiras diplomadas em Faculdades de Medicina.

A Dr.^a MARIA AUGUSTA GENEROSO ESTRELLA foi a primeira mulher brasileira formada em Medicina. Em abril de 1875, matriculou-se na "Saint-Louis Academy" de Osvego. Em 1877, transfere-se para o "New-York Medical College and Hospital for Women." Em 1878, Recebe do Imperador D. PEDRO II uma pensão anual de 1:500\$000 (a primeira bolsa de estudo concedida a um estudante brasileiro). Diplomou-se a 29 de março de 1881.

No Chile, a Dr.^a ELOISIA DIAS INZUNZA foi a primeira mulher que se formou numa faculdade sul-americana - Faculdade de Biologia e Ciências Médicas de Santiago, Chile, em 29 de novembro de 1886.

A Dr.^a RITA LOBATO VELHO LOPES foi a primeira mulher a se formar em Medicina no Brasil, pela Faculdade de Medicina da Bahia, a 10 de dezembro de 1887.

Defendeu tese doutoral em 24 de novembro de 1887: "Paralelos entre os Métodos Preconizados na Operação Cesariana".

A Dr.^a ERMELINDA LOPES DE VASCONCELLOS sustentou tese inaugural em 19 de dezembro de 1888 perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: "Formas Clínicas das Meningites nas Crianças - Diagnóstico Diferencial". Graduou-se a 26 de dezembro de 1888.

A Dr.^a ANTONIETA CEZAR DIAS defendeu tese doutoral intitulada "Hemorragia Puerperal" e diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em dezembro de 1889.

Referências bibliográficas:

1. Aguinága SD. Painéis da Academia Nacional de Medicina. 1ª edição. Imprinta Express Gráfica e Editora Ltda: Rio de Janeiro, 2006.
2. Aragão GMS. A medicina e sua evolução na Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição especial do centenário. 1823-1923. 1ª edição: Imprensa Oficial do Estado: Bahia, 1923.
3. Azevêdo EES. Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia Terreiro de Jesus: Memória Histórica 1996-2007. 1ª edição. Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana - EAMeFS: Feira de Santana, Bahia, 2008.
4. Britto ACN. A medicina baiana nas brumas do passado. (Arquivos do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins). Séculos XIX e XX. Aspectos inéditos. 1ª edição. Contexto e Arte Editorial: Salvador, 2002.
5. Coni AC. A Escola Tropicalista Bahiana. 1ª edição. Livraria Progresso Editora. Tipografia Beneditina Ltda: Bahia, 1952.
6. Ferreyra LG. Erario Mineral. 2ª edição fac-similar. Editora Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais: Belo Horizonte, 1997. 600 p. Fac-similar de Erario mineral / Lisboa Occidental. / Na Officina de Miguel Rodrigues / Impressor do Senhor Patriarca / M DCC XXXV / Com todas as licenças necessarias. (Obra rara gentilmente oferecida pelo celebrado historiador das Minas Gerais, Prof. João Amílcar Salgado).
7. Filho JA. O ensino da Clínica Obstétrica na Universidade da Bahia. Departamento Cultural da Reitoria da Universidade Federal da Bahia. 1ª edição. Fundação Gonçalves Moniz: Salvador, 1967.

8. Filho LCS. História geral da medicina brasileira. 1ª edição. 2 v. Editora HUCITEC: São Paulo, 1991.
9. Gomes OC. A fundação do ensino médico no Brasil - José Correia Picanço. Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 1ª edição. Tipografia Beneditina Ltda. : Salvador, 1951.
10. Leite S. História da Companhia de Jesus no Brasil. 1ª edição. v. V. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1945.
11. Neto JT *et als*. Formandos de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia . 1º edição. Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana - EAMeFS: Feira de Santana : Feira de Santana, Bahia, 2008.
12. Oliveira ES. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942. 1ª edição. Centro Editorial e Didático da UFBA: Salvador, 1992.
13. Pereira AP. Memória sobre a medicina na Bahia. 1ª edição. Imprensa Oficial do Estado: Bahia, 1923.
14. Ribeiro R. Academia Nacional de Medicina. Temas de sua vivência. 1ª edição. Sintra Gráfica e Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 1984.
15. Salles P. História da Medicina no Brasil. 1ª edição. Editôra G. Holman Ltda: Belo Horizonte, 1971.
16. Silva A. A primeira Médica do Brasil. 1ª edição. Irmãos Pongetti - Editores: Rio de Janeiro, 1954.
17. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz
Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro
Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.br/iah/P/verbetes/escancimerj.htm>
18. **Fonte manuscrita original:** Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Biblioteca / Arquivo Geral: ***Relação das theses defendidas na Faculdade de Medicina da Bahia - Numero de ordem 1- 19 de Dezembro de 1836''.*** (Livro).

Legendas e créditos das imagens

1. Napoleão.
2. General Jean-Andoche Junot.
3. Príncipe Regente D. João.
4. Dom João VI com a Princesa Carlota Joaquina.
5. Urbs Salvador – Gravura em cobre – Anônimo – Coleção Luís Viana Filho, Salvador-BA.
6. Paineis de Portinari - Associação Comercial - Salvador, Bahia.
7. José de Saldanha.

8. Jozé Correa Picanço.
9. Hospital São Cristóvão da Santa Casa de Misericórdia.
10. Escola de Cirurgia da Bahia.
11. Hospital Real Militar.
12. Dr. Manoel Jozé Estrella e Dr. Jozé Soares de Castro.
14. Faculdade de Medicina da Bahia, c. 1903.
15. Faculdade de Medicina da Bahia, c. 1909.
16. Faculdade de Medicina da Bahia, 18 de fevereiro de 2008. Fotografia tirada pelo Dr. Marcio Alírio Silveira.
17. Faculdade de Medicina da Bahia, 18 de fevereiro de 2008. Idem.
18. Morro do Castelo. Quadro de Vitor Meirelles. c. 1885.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Morro_do_Castelo
19. Belíssimo painel queorna o salão de recepções da sede da Academia Nacional de Medicina, que retrata a família real de Portugal no Rio de Janeiro a bordo nau Príncipe Real. A pintura sobre tela é de autoria de Arlindo Castellani de Carli - ou Castellane (1910-1985), nascido em São Paulo. Observa-se no painel: D. João, Príncipe Regente entregando a carta ao Dr. Jozé Correa Picanço (4); o comandante da nau, capitão Manoel do Canto (3); o Príncipe da Beira, futuro D. Pedro I (2); Frei Custódio Campos Oliveira (5) e duas damas (1).
Do livro Painéis da Academia Nacional de Medicina, do Prof. Sérgio d'Ávila Aguinága.
20. Fotografia do sobredito painel. Retrartista: Prof. Nogueira Britto.
21. A majestosa sede da Faculdade Nacional de Medicina na Praia Vermelha (1918-1973). Capa do livro A Faculdade de Medicina Primaz do Rio de Janeiro / Dois dos Cinco Séculos de História do Brasil. Autores: Marleide da Mota Gomes et als. 1ª edição. Editora Atheneu: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, 2001.
22. Retratos de lentes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Op. cit.
23. Botica; 1823; aquarela; Castro Maya / Colecionador de Debret. Ministério da Cultura. Museu da Chácara do Céu. 1ª edição. J. Sholna Reproduções Gráficas: Rio de Janeiro, p. 219, 2003.
24. Cirurgião negro colocando ventosas; 1826; aquarela; p. 217. Op. cit.
25. Entrada da baía da Guanabara, vista da fortaleza de Santa Cruz; c. 1885. Mapoteca do Palácio do Itamaraty; p. 50. Op. cit.
26. O Rio de Janeiro visto de Niterói; c. 1880. Acervo Instituto Moreira Salles. Marc Ferrez. Maria Inez Turazzi. 1ª edição, Cosac & Naify Edições: São Paulo, p. 51, 2002.
27. Ilha Fiscal. Rio de Janeiro; c. 1884; p.75. Op. cit.
28. Jardim Botânico. Rio de Janeiro; c. 1885. Op. cit.

MÚSICA INCIDENTAL

1. GUSTAV MAHLER / SYMPHONY Nº 5 IN C SHARP MINOR
ADAGIETTO. SEHR LANGSAM.
WIENNER PHILHARMONIKER. LEONARD BERNSTEIN

2. FRÉDÉRIC CHOPIN
FANTASIA IMPROVISO OPUS 66.
ESTUDO Nº 12 (REVOLUCIONÁRIO).
VALSA Nº 1. OPUS 64 (MINUETO)
VALSA OPUS 42.
PRELÚDIO OPUS 28 Nº 7
NOTURNO EM DÓ SUSTENIDO (OPUS PÓSTUMO)
CONCERTO Nº 2 PARA PIANO (1º MOVIMENTO).
ORQUESTRA SINFÔNICA DE MOSCOU DO CENTRO STAS NAMIN. REGENTE
KONSTANTIN KRIMETS
VLADIMIR RYABOV, ALEKSANDR MALKUS (SOLO DE PIANO)
ANNA MALIKOVA (CONCERTO DE PIANO).